



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DF
FACULDADE UNB PLANALTINA - DF
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

SUZIANA DE AQUINO SANTOS

**OS SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS NA COMUNIDADE KALUNGA,
RIBEIRÃO DOS BOIS, TERESINA – GO**

Planaltina-DF
2015

SUZIANA DE AQUINO SANTOS

**OS SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS NA COMUNIDADE KALUNGA,
RIBEIRÃO DOS BOIS, TERESINA – GO**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília – DF, Faculdade UnB Planaltina – DF – LedoC Licenciatura em Educação do Campo, para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem.

Orientadora: Professora Dra. Lívia Penna Firme Rodrigues.

Planaltina-DF
2015

SUZIANA DE AQUINO SANTOS

**OS SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS NA COMUNIDADE KALUNGA,
RIBEIRÃO DOS BOIS, TERESINA – GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem, defendida em _____ de _____ de 2015 e aprovada com nota _____ pela Banca Examinadora.

Professora Dra. Lívia Penna Firme Rodrigues
(Orientadora)

Professora Dra. Rosineide Magalhães de Souza
(Examinador)
UnB

Professor Dr. Rafael Litvin Vilas Boas
(Examinador)
UnB

À senhora minha mãe, por ter me ajudado com os meus filhos enquanto eu estava na Universidade e por ter me dado força para eu não desistir. Porque sempre ela questionava que, no meio de tantos filhos, nenhum iria se formar. Então estou realizando, não só o meu sonho, mas também o da minha querida mãe. O tema escolhido também é uma homenagem a ela, que também é parteira e ao longo de sua vida, dedicou-se a ajudar as pessoas que estavam precisando e sem cobrar nada por isso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço Deus por ter me colocado essa grande oportunidade em minha vida.

Agradeço, também minha família, por ter contribuído comigo nessa longa batalha para minha formação, principalmente aos meus pais, Delfina e Patrício, e aos meus filhos: Jaqueline, Thayna e Arthur Vinicíus.

Aos meus irmãos, que fazem parte da minha vida, Marcelo, Rufino, Maria Suzana, Suzideth, Clénice, Cleudío, Aparecida, Jurandi, Claudio e Robson, e a todas as pessoas da comunidade que contribuíram para que a pesquisa fosse concluída, principalmente as parceiras da comunidade Ribeirão dos Bois: Delfina, Laurencia, Cinezia e Maria.

Aos professores da Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC que contribuíram durante esses 4 anos de formação, aos colegas de turma, porque passamos 4 anos juntos em busca de um sonho e às colegas de quarto; que me ajudaram muito, Nica e Lucinete.

“Nós somos frutos de uma geração que nos julga incapazes de tomar nossas próprias decisões, pois amamos, respeitamos e valorizamos todos os momentos sagrados” (Expedita, parteira tradicional – Trindade – PE, 2000).

RESUMO

A pesquisa “Os saberes e fazeres das parteiras na Comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina - GO”, tem como objetivo: Pesquisar os saberes e fazeres das parteiras na Comunidade Quilombola Ribeirão dos Bois de Teresina – GO, compreendendo ainda o amor, o carinho e a solidariedade que as mesmas têm pela sua profissão. Objetiva ainda mostrar a solidariedade humana na forma de trabalhar com as pessoas, sem nada cobrar em troca, o uso ou não de plantas medicinais antes e depois do parto, quais os cuidados que elas possuem em sua profissão. Descreve o modo como as parteiras realizavam os partos e quais os materiais de uso e sua crença e cultura local. É uma pesquisa qualitativa, baseada na pesquisa etnográfica, que facilita as perguntas permitindo o contato com o entrevistado, além do embasamento bibliográfico, para melhor conceituar o cenário histórico, cultural e social das parteiras. A pesquisa apresenta histórias reais de quatro parteiras com anos de experiência e dezenas de partos realizados com sucesso e muita sabedoria e revela costumes e crenças antes e depois dos partos, como benzimentos, orações, chás e remédios caseiros para induzir o parto e aliviar as dores. O trabalho apresentado traz uma riqueza de detalhes sobre as parteiras do Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina- Go.

Palavra Chaves: Saberes, Fazeres, Parteiras Tradicionais, Cultura local.

ABSTRACT

The research "The knowledge and practices of midwives in the community Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina-GO", aims to: Search the knowledge and practices of midwives in the Ribeirão dos Bois Quilombola community of Hanh – GO, including even the love, affection and solidarity that they have for their profession. Objective still show human solidarity in the form of working with people, with nothing in return, collect the use or not of medicinal plants before and after childbirth, what precautions they have in their profession. Describes how the midwives were the Parthians and what materials to use and their belief and culture. It is a qualitative research, based on ethnographic research, which facilitates the questions allowing contact with the respondent, beyond the bibliographic basis, to better conceptualize the historic, cultural and social scenario of midwives. The research presents real stories of four midwives with years of experience and dozens of babies.

Word Keys: Knowing, doing, Midwives, local culture.

LISTAS DE FIGURA

Fotos

- Figura 01:** Arquivo pessoal (parteiras entrevistadas em roda de conversa) 15.
- Figura 02:** Arquivo pessoal (parteira D. Delfina) 16.
- Figura 03:** Arquivo pessoal (caderno de anotações de D. Delfina) 16.
- Figura 04:** Arquivo pessoal (parteira D. Laurência Fernandes de Castro)18.
- Figura 05:** Arquivo pessoal (parteira D. Maria Pereira) 19.
- Figura 06:** Arquivo pessoal (parteira D. Cinésia dos Santos Rosa) 21.
- Figura 07:** Arquivo pessoal (caderno de anotações de D. Cinésia) 21.

Mapas

- Figura 01** – Mapa da localização dos Municípios que abrangem a Comunidade Quilombola Kalunga 8.
- Figura 02** – Mapa geral das comunidades do Sítio Histórico e Cultural do Remanescente de Quilombo Kalunga – Goiás – GO 31.
- Figura 03** – Mapa das Comunidades por município32.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Breve histórico da minha família	12
1.2 Contextualização	14
2. OBJETIVOS	16
2.1 Geral	16
2.2 Específicos	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1 Levantamento de dados da Comunidade Ribeirão dos Bois – Kalunga – Teresina – GO	17
3.2 Embasamento Teórico (diálogo com autores que escreveram sobre o tema pesquisado)	18
4. METODOLOGIA DA PESQUISA (utilizando se pesquisa etnográfica, para coleta de dados)	22
5. ANÁLISE DOS DADOS	24
6. PERFIL DAS QUATRO PARTEIRAS (Comunidade Ribeirão dos Bois – Teresina de Goiás)	25
6.1 Caracterização das parteiras entrevistadas	25
6.2 Tratamento para mulheres e crianças usados pelas parteiras	32
6.3 Crenças e rezas para a preparação do parto	33
6.4 Ocupação atual das parteiras	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Ribeirão dos Bois é uma comunidade quilombola, localizada no Nordeste goiano a 50 km do município Teresina, GO. Hoje a comunidade é constituída por cerca de cento e vinte famílias, as quais são compostas por Kalungas que residem ali desde o processo de resistência à escravidão. Seus membros são unidos por laços de parentesco, formando verdadeiros núcleos familiares que dividem o mesmo terreno entre pai, irmãos, tios, e avós, organizando-se em associações tais como a Associação dos Pequenos Agricultores Kalunga do Assentamento Diadema (ASKADIA) e a Associação Quilombo Kalunga (AQK) que envolve os três Municípios: Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Cavalcante de Goiás. (SILVA 2013)

Com a experiência de educanda da Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC, na Universidade UnB de Planaltina (FUP), Brasília – DF, comecei a valorizar mais a comunidade onde vivo com minha família, passei a ter um olhar mais profundo e respeito pela sabedoria das parteiras da comunidade. Além disso, as aulas de CEBEP (Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular) e as aulas de resgate de memória, da professora Laís Mourão de Sá, contribuíram para eu ser mais crítica em questão ao meu povo que são kalungueiros com muitos saberes importantes para a sociedade.

Em uma breve pesquisa, percebi que o trabalho das parteiras estava sendo desvalorizado, que há muito tempo vinha fazendo o trabalho dos médicos, trazendo ao mundo crianças, hoje alguns com idade já bem avançada. E essas parteiras estão sendo esquecidas e depois de mais alguns anos não terão mais histórias contadas por elas, de como é fazer um parto e trazer ao mundo uma criança com saúde e sem complicações. Para as parteiras é uma grande alegria quando o parto é realizado com segurança, elas têm todo um cuidado e seguem suas crenças com fé e dedicação. Por isso resolvi fazer essa pesquisa.

Olhando por esse lado, acredito que posso estar contribuindo de alguma forma para estar colaborando com a comunidade Ribeirão dos Bois. Na pesquisa se faz um levantamento e análise de dados referentes às parteiras de Ribeirão dos Bois, contribuindo com a cultura e o saber.

Neste trabalho pretende-se pesquisar os saberes e fazeres das parteiras na Comunidade Quilombola Ribeirão dos Bois de Teresina – GO, fazer levantamento de dado de número de parteiras da comunidade Ribeirão Bois, descrever o cenário histórico, cultural e social das parteiras de Ribeirão dos Bois, relatar as formas de tratamento no pré parto, parto e pós parto orientados pelas parteiras, verificar quais

ocupações as parteiras atualmente tem, investigar se houve ou não uma diminuição dos trabalhos das parteiras, e quais os fatores que influenciam nessa diminuição, conhecer história da comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, compreender as suas crenças e rezas para a preparação do parto.

Para SILVA 2013, “a parteira tradicional, com sua sabedoria, é capaz de perceber situações simples e complexas em suas pacientes e até conceituar o perfil de cada família de sua comunidade. É um trabalho importante, pois lida com a vida e deve ser respeitado pelas comunidades, e pelas políticas públicas de saúde, em especial o SUS”.

Ainda na concepção de SILVA 2013 “No seu ofício de defender a vida e promover a saúde de mulheres e bebês, estas mulheres se utilizam de sua sabedoria, experiência e dedicação em suas comunidades. Mas aqui vamos nos ater à comunidade quilombola de Ribeirão dos Bois. Outros objetivos desta pesquisa é registrar e valorizar o trabalho das parteiras da comunidade Ribeirão dos Bois, resgatando os conhecimentos tradicionais que estão se perdendo e com isso fortalecer a identidade daquela comunidade. Pretende-se, também, com a pesquisa, chamar a atenção da comunidade para a importância do parto natural e de todos os saberes que envolvem esta prática, não permitindo o desaparecimento desses saberes, que veem desde a escravidão, que nos deixaram marcas e fazem parte da nossa história e cultura”.

1.1 Breve histórico da minha família

Meus pais nasceram aqui mesmo na região, minha mãe nasceu no Vão de Almas município de Cavalcante, estado de Goiás. Já o meu pai nasceu no Kalunga município de Monte Alegre de Goiás. Meu pai me contou que sua mãe (minha avó) pariu “deu a luz” a ele à beira de um córrego chamado Ariranha. Eles vieram para morar aqui na comunidade quando eu, Suziana, ainda era criança. Minha mãe mudou para cá na companhia de seus pais; naquela época ela tinha 8 anos de idade, hoje tem 68 anos. O meu pai também veio para cá com 12 anos de idade, acompanhado de sua irmã e cunhado, porque seu pai e sua mãe tinham falecido. Vieram à procura de melhoria de vida, fugindo das dificuldades que eram grandes naquela época.

Em vários momentos tinham que enfrentar sol quente, fome, sede nas estradas, chuvas e a travessia da serra com saco de farinha nas costas, para vender na cidade e comprar outros alimentos, sendo as cidades mais perto Alto Paraiso, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás. Naquela época era muito difícil, se trabalhava um

dia para comprar um copo de sal, às vezes, eles tinham que ir até Barreiras - BA, para comprar sal e o transporte se fazia a pé e ou a cavalo.

A maioria dos moradores daqui da comunidade são posseiros, mas meu pai depois que se casou com minha mãe, com todo sacrifício, trabalhava muito para conseguir comprar um pedacinho de terra; comprou junto com o meu avô, pai da minha mãe, o equivalente a 5 alqueires. A escritura da terra meu pai acha que está no cartório, é nesse pedacinho de terra onde moramos que moravam também os meus avós, infelizmente hoje eles são falecidos, e nesta terra moram seus netos e bisnetos, e é dela que retiramos um pouco do nosso sustento até hoje.

Por isso, resolvi proporcionar para minha comunidade o resgate das parteiras, já que elas estão caindo no esquecimento, as tradições vão se perdendo, bem como as nossas lições de vida e também, a marca de nossa cultura local. Essa experiência foi vivenciada na minha casa, pois minha mãe é parteira. Senti um desafio como educanda da Licenciatura em Educação do Campo – LedoC, nas aulas de filosofia e sexualidade, onde fui instigada a buscar essa realidade que sempre vivi, e não dava o devido valor. A minha avó também já foi parteira com muita experiência sobre o parto natural. Essa experiência já vem desde muitos anos atrás. Ela teve seus quatro filhos, em casa, com parteiras que não cheguei a conhecer, porque não era nascida naquela época. Minha mãe Delfina, parteira, teve seus treze filhos nascidos em casa; os partos foram feitos por sua mãe Paula, e as demais parteiras da comunidade.

O parto natural é de grande importância para as parteiras, elas afirmam que no parto feito em casa a mulher fica mais sadia porque não come as comidas que o hospital oferece, muitas vezes nem todas podem comer a comida do hospital, porque podem fazer mal à saúde da mãe e do bebê, principalmente da mãe, que está no período do resguardo.

Somos cinco irmãs mulheres, todas nós tivemos partos feitos por parteiras, que são nossa mãe e minha avó Paula, e com as outras parteiras da comunidade. Das cinco irmãs, duas delas tiveram filhos no hospital, eu tive dois no hospital, já minha irmã teve um filho. Quando eu tive meu primeiro filho eu estava morando em Brasília e trabalhando, senti um desconforto tão grande no hospital e falta da minha família, principalmente da minha mãe. Fiquei só em um quarto, sem ninguém para me dar uma força e passar segurança para mim, pensei que iria morrer e exclamei a Deus, porque eu não fui embora para minha amada mãe fazer meu parto junto com minha avó. Quando a enfermeira chegou a criança já estava nascendo. Já o parto que tive em casa

tive todo o conforto porque minha mãe estava junto com minha avó e com as outras parteiras, não senti medo e graças a nossa Senhora do Bom Parto minha filha nasceu perfeita e com saúde, ela está completando quinze anos de idade. Tive meu último filho no hospital porque eu já tinha consulta marcada. Mãe queria que fosse feito o parto em casa, pois iria fazer meu parto. Minha irmã Cida teve seu filho no hospital porque ela estava na Cidade, longe da comunidade. Ela não é parteira, mas fez o parto de sua filha Adriana, que estava indo para Teresina, já em trabalho de parto, ganhou o bebê na estrada. Durante os partos, mãe usa as plantas caseiras para fazer os remédios para as mulheres que estão em trabalho de parto.

Toda a minha família pertence a uma família de parteiras. Inclusive quando eu, Susiana, estava pronta para vir ao mundo, minha mãe estava trabalhando numa roça, batendo (colhendo) arroz. Daí então começou a sentir dor não teve outro jeito, nasci entre o chão e as palhas de arroz, numa bela manhã em dezesseis de junho de mil novecentos e oitenta e um (16/06/1981). Meu parto foi mais que natural, realizado pela parteira Valentina, que se encontrava mais perto da roça quando minha mãe passou mal e meu pai foi atrás dela para que eu pudesse nascer.

1.2 – Contextualização

O Povo Kalunga vive numa área de 230 mil hectares, situada no nordeste goiano, na região da Chapada dos Veadeiros, a 330 Km de Brasília, Distrito Federal, sendo uma região acidentada e de difícil acesso. Toda a área ocupada pelos Kalunga foi reconhecida oficialmente em 1991, pelo governo do estado de Goiás, como sítio histórico Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro. Os primeiros africanos trazidos como escravos para o Brasil vinham da costa da África ocidental. Eram povos que aqui ficaram conhecidos como negros, guinéus, minas, congos, cabinas, benguelas e muitos outros nomes, que geralmente designava o ponto de embarque de onde tinham vindo, e não o povo da civilização a que pertenciam. (LIMA E ALMEIDA, 2011).

Estima-se que, anualmente, no Brasil, sejam realizados, em média, 41 mil partos domiciliares, desses a maioria é assistido por parteiras tradicionais. Mesmo não sendo dados oficiais, os números mostram que as parteiras tradicionais existem e que seu trabalho deveria estar dentre as preocupações de gestores e profissionais de saúde de todas as regiões, principalmente Norte, Centro Oeste e Nordeste (BRASIL, 2010).

A inclusão de parteiras tradicionais no sistema oficial de saúde pode contribuir para uma maior adesão em tratamentos e outros procedimentos e participação da comunidade local no sistema de saúde, como aconteceu em outros municípios brasileiros, onde as parteiras se tornaram aliadas do sistema formal de saúde, na promoção e assistência à saúde materno-infantil. (CARDOSO 2012)

Em 2005, houve uma capacitação de Parteiras Quilombolas na comunidade Kalunga, realizada durante seis dias, que capacitou 50 parteiras quilombolas da comunidade Kalunga, desenvolvido na Pousada Fazenda Veredas, em Cavalcante, Goiás. O curso foi ministrado pelo Grupo Curumim, que possui larga experiência no treinamento de parteiras indígenas e quilombolas. A iniciativa buscou valorizar e estimular saberes tradicionais passados há gerações, que estruturam o ciclo de vida na comunidade.

Esta ação resultou de uma parceria da Secretaria de Políticas de Promoção da com o Ministério da Saúde, as Secretarias de Saúde e de Promoção da Igualdade Racial dos municípios de Monte Alegre, de Teresina de Goiás e Cavalcante, o grupo Curumim, a Secretaria de Saúde do Estado de Goiás – Regional de Campos Belos, além da Associação Quilombola da Comunidade Kalunga.

Foram realizadas capacitações para as parteiras tradicionais e para os agentes comunitários de saúde, com o fornecimento de kits. Os municípios envolvidos por esse projeto foram: Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Cavalcante, os municípios têm em seu território comunidades quilombolas Kalunga. Com isso houve o resgate da autoestima das parteiras e o fortalecimento da sua organização, porque com esta capacitação as mesmas sentiram-se motivadas a continuar valorizando e repassando este conhecimento aos demais da comunidade. Foi feita uma intensa articulação com os poderes públicos locais para a melhoria da assistência à saúde da população Kalunga.

Ribeirão dos Bois é uma comunidade remanescente de escravos que está localizada no município de Teresina de Goiás. Ao longo do tempo, essa comunidade vem passando por algumas mudanças no seu modo tradicional, principalmente as parteiras. Devido grande parte ter envelhecido e mesmo falecido, as demais mulheres da comunidade não estão interessadas em repassar seus saberes e fazeres a falta de interesse dos jovens em aprender esse saber tão rico.

O nome de Ribeirão dos Bois é referência a um rio que passa na região, com o nome de Ribeirão, e o termo Bois, porque muitos fazendeiros tinham suas fazendas perto e criavam muitos bois, que bebiam água naquele rio. Essa comunidade de negros

foi formada, originalmente, por descendentes de escravos, que fugiram das minas do cativeiro e se esconderam ali, por ser um local de difícil acesso, se organizando em um quilombo, mais tarde reconhecido como Kalunga.

2. OBJETIVOS

2.1- Geral

Pesquisar os saberes e fazeres das parteiras na Comunidade Quilombola Ribeirão dos Bois de Teresina – GO.

2.2 Específicos

Pesquisar o número de parteiras da comunidade Ribeirão Bois.

Descrever o cenário histórico, cultural e social das parteiras de Ribeirão dos Bois

Relatar as formas de tratamento no pré parto, parto e pós parto orientados pelas parteiras.

Verificar quais ocupações as parteiras atualmente tem.

Investigar se houve ou não uma diminuição dos trabalhos das parteiras, e quais os fatores que influenciam nessa diminuição.

Conhecer história da comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois.

Compreender as suas crenças e rezas para a preparação do parto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 - Levantamento de dados da Comunidade Ribeirão dos Bois – GO

Ribeirão dos Bois é localizado no município de Teresina de Goiás situada no sítio Histórico Kalunga. A distância da comunidade até Teresina é de 50 km, possui energia elétrica, telefones (orelhão) e os celulares só pegam em alguns lugares. Não tem acesso à internet. A água é encanada, de um poço artesiano, não tratada. Não há necessidade de utilizar tratamento diário, mas a cada três meses a Fundação Nacional de Saúde - FUNASA colhe amostra da água para fazer análise e colocar cloro na caixa d'água. (SILVA 2013)

Na comunidade próxima de nome Diadema, foi construído um posto de saúde, mas não funciona, no momento esta sendo utilizado como sala de aula e biblioteca escolar, e temos uma escola que é municipal. O número de habitantes que vivem em Ribeirão dos Bois é de 52 famílias e Diadema e de 58 famílias, aproximadamente 120 famílias ao todo.

A comunidade destaque deste trabalho, necessita de uma visão política que venha a contribuir com a preservação de sua identidade cultural, fortalecendo laços familiares, sociais, econômicos e ambientais, de modo a reestabelecer a construção de uma sustentabilidade econômica capaz de preservar os valores e riquezas locais.

O mapa a seguir mostra a localização dos Municípios que abrangem a Comunidade Quilombola Kalunga, sendo eles: Cavalcante de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Teresinha de Goiás.

O mapa a seguir mostra a localização dos Municípios que abrangem a Comunidade Quilombola Kalunga, sendo eles: Cavalcante de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Teresinha de Goiás.

Figura 01 – Mapa da localização dos Municípios que abrangem a Comunidade Quilombola Kalunga



Fonte: MOURA, A. A. V (pesquisa de doutorado em andamento)

Como o GRUPO CURUMIM (2000) nos refere-se

As mulheres passam de geração para geração seu conhecimento sobre a sexualidade, sobre o corpo e a reprodução. O resgate de esse saber é fundamental para se conservar a intimidade dos partos, para se preservar o parto como um momento da vida sexual e amorosa das pessoas. As parteiras são partes dessa simbologia do parto como um momento de amor. GRUPO CURUMIM (2000 p. 09).

A comunidade, destaque deste trabalho, necessita de uma visão política que venha a contribuir com a preservação de sua identidade cultural, fortalecendo laços familiares, sociais, econômicos e ambientais, de modo a reestabelecer a construção de uma sustentabilidade econômica capaz de preservar os valores e riquezas locais.

3.2 – Embasamentos Teóricos (diálogo com autores que escreveram sobre o tema pesquisado)

O principal tema da pesquisa foram as parteiras da comunidade Ribeirão dos Bois, Município de Teresina, Goiás. E as bases teóricas fundamentam o diálogo com os seguintes autores: ALMEIDA (2004). ANJOS (2006). BAIOCCHI (2010). CRESWELL (2007). DIEGUES (2001). SARAIVA (2012), SILVA (2013, entre outros.

Por mais de dois séculos, o povo Kalunga de Ribeirão dos Bois foi construindo sua identidade. Ela está presente em tudo aquilo que faz parte do seu patrimônio cultural, em seus costumes e suas tradições. As comunidades tradicionais vivem em profundo contato com a natureza, trazendo uma cultura ancestral de união e respeito com a mesma. A sua cultura está presente em todo o processo, trazendo em si aspectos da identidade religiosa, cultural, econômica e social de um povo. É através dessa identidade que se criam e vivem os ritos, as danças, os contos e a sobrevivência da própria comunidade. (SILVA 2013, P.19)

O Brasil apresenta grandes variedades de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser consideradas “tradicionais”. De modo geral, as populações tradicionais podem ser divididas entre populações não indígenas e indígenas. Entre as populações não indígenas estão Quilombolas, extrativistas, pescadores, camponeses, agricultores familiares, entre outros. Esses grupos são frutos da intensa miscigenação entre o branco colonizador, a população indígena nativa e o escravo negro. Historicamente, são populações de pequenos produtores que se constituíram ainda no período colonial, entre a monocultura e outros ciclos econômicos. (DIEGUES 2001)

Segundo SARAIVA (2012), “as comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros reconhecem que as condições de ser tradicional é uma estratégia política de afirmação de suas identidades, e serve também como mecanismo que pode ajudar a solucionar questões principalmente relacionadas à terra”. Esse aspecto é facilmente identificado entre os quilombolas do território Kalunga, que na Chapada ainda não têm sua situação de posse da terra regularizada; ser negro e poder acessar direitos antes inexistentes também foram fortalecendo a condição de ser quilombola. Ser tradicional também é visto por essas comunidades como uma condição que tornou possível a valorização de seus saberes historicamente excluídos e desqualificados (uso medicinal de plantas, parto caseiro, artesanato, etc.). A mudança de percepção em relação a esses saberes fortaleceu identidades; ser tradicional também é uma estratégia utilizada por muitos grupos para fortalecer modos de vida e transmitir valores que sejam preservados, diante da modernidade presente na região. (SARAIVA 2012)

Ser tradicional pode ser visto como uma condição que tornou possível a valorização de saberes historicamente excluídos e desqualificados, envolvendo o uso medicinal de plantas, fortalecendo a identidade e cultura. Essas comunidades tradicionais a partir de seus conhecimentos trouxeram observações atentas da natureza e experimentação dos seus saberes empíricos (SILVA, 2013).

Ainda segundo SILVA 2013, “Conhecimentos tradicionais associados às parteiras foram gerados pela observação atenta dos nossos antepassados Kalunga. Então a partir daí esses conhecimentos foram sendo transmitidos para essas mulheres ao longo das gerações. Essas parteiras são pessoas que se dedicaram a aprender sobre natureza a sua volta para melhor viver, identificando mistérios dos partos caseiros. A transmissão dos conhecimentos tradicionais associados ao parto se deu entre culturas e gerações e, na maioria das vezes de forma oral e pelo convívio. Isso porque o conhecimento tradicional implica em saberes e fazeres. Todos esses conhecimentos são coletivos, muitas vezes resultaram de trocas de culturas entre povos e comunidades, num processo histórico de aprendizagem”.

O Grupo Curumim(2000) traça o perfil das mulheres que são parteiras.

Os partos na zona rural e áreas ribeirinhas, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro – Oeste do Brasil, em grande parte são atendidos por parteiras tradicionais, que, em geral, trabalham de forma isolada, enfrentando muitas dificuldades. As parteiras percorrem longas distâncias, na maioria das vezes não tem para onde encaminhar os casos de risco, trabalham sem remuneração, muitas delas não sabem ler. São marginalizadas, chegando até mesmo a negar a sua prática. Por medo, elas literalmente se escondem. GRUPO CURUMIM (2000 P.P.22,23)

As parteiras aprenderam os partos na prática, a necessidade as obrigou aprender, pois não existia médico por perto, o escravo já tinha o seu saber. Era longe de tudo algumas aprenderam assim, e foi passando de mãe para filha e, a cada vez mais foram se aperfeiçoando seu modo de fazer parto. Mas nada era cobrado e, a parteira ia por se sentir útil em estar ajudando a vir ao mundo à criança e de seu modo e sua crença, com seu remédio caseiro. Quando era chamada não se importando com a distância e nem com a hora, simplesmente ia para cumprir com seu dever que tinha escolhido para si, e também já levava consigo todos os remédios que iria fazer uso na hora do parto e depois, para ela é gratificante salvar vidas. E suas práticas estão dentro de seus cérebros em sua memória, pois elas não tiveram a oportunidade de se alfabetizar.

Conforme BOGO, (2008) nos passa que:

Cuidar da vida aquém ou para além da identidade exige reconhecer e adquirir a consciência do pertencimento ao sistema como gênero e sistema, ou como identidade biológica. Reconhecer e saber que há

semelhanças na composição das células da maioria dos seres vivos, que, ao longo do tempo, sofreram profundas modificações, não só na aparência, mas também em sua composição. Sair do estado de natureza para tornar-nos gênero humano, não pode nos colocar como seres antagônico às demais espécies, apesar de continuarmos evoluindo. Se acrescentamos à natureza primitiva, a cultura, sabemos que sem a natureza primitiva, a cultura, sabemos que sem a natureza pura não há cultura (BOGO, 2008. p. 30-31).

Sabemos desde que nos entendemos por gente, temos que brigar por uma identidade, independentemente da cor ou raça. A luta nunca acaba quando a gente vence uma tem outra, devemos lutar pelas constantes mudanças, saber lidar com as diferenças e assim BOGO 2008 já diz que sem natureza pura não há cultura. Para outros autores o conhecimento tradicional é algo extraordinário digno de preservação, acesso, vivência e mediação.

O conhecimento tradicional pode ser entendido como “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” e somente pode ser corretamente interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31).

É nos moldes de uma educação mediadora e de constante diálogo com a comunidade e seus saberes tradicionais que se pode melhor preservar os valores culturais e os conhecimentos tradicionais de uma comunidade, reflexão que se aplica a pesquisa realizada, como resultado parcial de uma demanda social, cultural, educacional e de saúde.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa tem sido realizada, desde janeiro de 2014, por meio de análise qualitativa na comunidade. Utilizando estratégias de coleta e registro dos dados tais como informações dadas por estas senhoras em suas respectivas entrevistas, também a análise de material impresso e previamente identificado como estatísticas destas regiões e comunidades de acordo com CRESWELL (1998), que observa a importância de estratégias específicas de investigação.

O referido trabalho utiliza-se da pesquisa etnográfica para melhor estar em contato com as pessoas, que passam a ter segurança e mais confiança para estarem respondendo adequadamente as perguntas do questionário (GIL, 2010). Ainda segundo Gil (2010) as características da pesquisa etnográfica (estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos, manifestações materiais de suas atividades em geral), indicam, portanto, que os pesquisadores tendem a desenvolver o trabalho de campo em período significativamente superior, comparado com outras modalidades de pesquisa. Quando se opta por pesquisa etnográfica, se deve ter todo um cuidado, pois a pessoa que vai ser pesquisada pode não se sentir à vontade em estar sendo pesquisado e omitir informações. Por isso deve-se abordar a pessoa com alguém que ela já conheça e tenha confiança, para obter dados fidedignos. A pesquisa também é subsidiada por entrevistas individual em domicílio, em uma conversa informal com as entrevistadas da comunidade, respeitando as suas pluralidades e tentando compreender os modos de trabalho das parteiras.

Para que o referido trabalho fosse concluído, antes foi feita uma reflexão sobre a comunidade, seus problemas e demandas, em busca de um tema que melhor contribuísse com a valorização da cultura local. Surgiu o tema voltado às parteiras, o que exigiu leituras, pesquisas, muitas conversas e visitas periódicas as parteiras da comunidade. O próximo passo da pesquisa foi a coleta de informações/dados através de entrevistas e observações dos dados colhidos, fazendo uso dos apontamentos feitos pelas instituições de pesquisa já citadas, registrando esses dados e comparando-os as informações e conhecimentos coletados.

Foi elaborado um roteiro de entrevista semi estruturado com quatro parteiras da comunidade foram entrevistadas. As parteiras escolhidas para serem entrevistadas são pessoas com idade entre 69 a 70 anos idade. Delfina Santos (71 anos), Laurência Fernandes de Castro (79 anos), Cinésia dos Santos Rosa (92 anos), Maria Pereira (73

anos), todas da comunidade Ribeirão dos Bois. Todas elas autorizaram citar seus nomes e imagens neste trabalho de pesquisa.

Ao estar escolhendo trabalhar no local onde moro, estou valorizando os seus saberes, com perguntas informais, visitas em suas casas com perguntas sobre as formas como elas utilizam de suas técnicas para atender quando as pessoas chamam para fazer o atendimento de parto. Este processo de intervenção na comunidade Ribeirão dos Bois de Teresina de Goiás favorece o diálogo com os saberes locais de forma a preservar a cultura, os costumes e outros valores, importantes na vida dos quilombolas.

Durante as entrevistas, observações minuciosas foram sendo destacadas e com muita atenção, analisadas de forma a valorizar: as especificidades que envolvem a linguagem, as crenças, os costumes, o jeito de viver em sociedade e sustentar-se, entre outros. Percebi durante no exato momento de cada entrevista, que cada parteira expõe além de suas falas, uma grandeza de saberes e ao mesmo tempo uma simplicidade no uso desses saberes, que aliados a fé e prática, realizam um belo trabalho de saúde, social, solidário e voluntário. Desta análise, percebe-se que as parteiras são profissionais da saúde, ainda não tão reconhecidas e valorizadas como deveriam, mas que cabe as comunidades tradicionais lutar por este reconhecimento.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Atualmente, por mais que faça parte de nossa cultura, as parteiras sentem um certo medo de falar sobre o seu trabalho. Identificamos quatro parteiras tradicionais, entre elas: Delfina dos Santos, Laurência Fernandes de Castro, Maria Pereira e Cinésia dos Santos Rosa, que também são as rezadeiras mais velhas da comunidade RIBEIRÃO DOS BOIS e fazem parte do grupo da Sussa. A Sussa é uma dança que acontece nos momentos de festa e arremate de Folias de Santo Reis, São João e outras. Muitas das vezes somos convidadas à fazer apresentações em outros lugares. Onde minha mãe e meu irmão são os cantores onde eu sou dançarina junto com as demais.

Durante a coleta de dados, no primeiro momento houve um pouco de dificuldade preenchimento do questionário. Buscava coletar dados sobre as parteiras, referente os seus modos de trabalhar com suas culturas locais, respeitando suas pluralidades.

Ao estar realizando as pesquisas com as parteiras foi possível observar que as mesmas são somente Kalungas. Elas têm idade entre 71anos, 73 anos, 79 anos e 92 anos. São do sexo feminino, sua renda familiar hoje vem da aposentadoria, e do cultivo de alimentos para sua subsistência. Elas não cobram nada pelos seus serviços e autorizaram colocar as suas imagens a disposição deste trabalho, podendo ser divulgadas.

Os dados coletados são minuciosamente analisados desde o momento exato da pesquisa, das entrevistas. Momentos em que se pode ficar frente a frente com a realidade exposta, com os fatos vividos e contados de maneira peculiar.

Cada anotação em forma de rascunho se transforma em relatório, mas o que fica de melhor e de reflexão, são os momentos de encontros vividos na comunidade, o som das vozes das entrevistas em contraste com a natureza aos arredores de suas casas. Palavras que ecoam significativas experiências de vida, vividas com grande amor ao próximo.

Os dados não somente se afirmam pela escrita de relatórios pós pesquisas e entrevistas, pelas referências bibliográficas, mas pela essência humana e solidária que cada parteira vai moldando em suas falas.

É importante que se analise não só dados e informações, mas a sábia cultura ainda preservada na linguagem falada, nos gestos, nas ações e vivências previamente observadas e visualizadas com grande respeito.

6. PERFIL DAS QUATRO PARTEIRAS (Comunidade Ribeirão dos Bois – Teresina de Goiás)



Figura 01: Arquivo pessoal (parteiras entrevistadas em roda de conversa)

Essas são as quatro parteiras entrevistadas em uma roda de conversa (Dona Laurência, Dona Cinésia, Dona Maria e Dona Delfina), momento especial, onde as mesmas lembram histórias, causos e vivências ao longo dos anos de parteira e rezadeiras. Durante este momento foi possível observar como as mesmas são unidas e orgulhosas da profissão voluntária que exercem. Para elas a vida comunitária é uma relação de troca de favores e ações solidárias dia a dia, ou seja, nada deve ser vendido, principalmente quando se trata de ajudar a salvar vidas.

Ao falar da troca, esta está intimamente ligada aos momentos de necessidades de algumas famílias, por exemplo: devido morar muito longe e ainda ter que enfrentar difíceis obstáculos pra chegar na cidade, muitas vezes faltam o pó de café, o açúcar, entre outros, o jeito é pedir o vizinho a chamada colherzinha de café ou um punhado de açúcar ou sal. Esse jeito de viver e relacionar-se, faz das parteiras educadoras sociais, pois elas intimamente entra para as família e fazendo parte delas, aconselham, contribuem para a preservação de valores sociais, culturais e econômicos.

6.1 - Caracterização das parteiras entrevistadas

DONA DELFINA DOS SANTOS



Figura 02: Arquivo pessoal (Dona Delfina 71 anos)



Figura 03: Arquivo pessoal de D. Delfina Caderno anotações.

Dona Delfina do Santos relata que nasceu no Vão das Almas, Município de Cavalcante, na beira de um córrego chamado Córrego da Serra, na área rural. Relata que é casada mais não no civil e sim no padre.

Com relação ao número de filhos ela diz: "Se tivesse ai tudo era treze filhos, mais Deus não quis, então eu tenho dez filhos vivos, cinco homens e cinco mulheres".

Segundo Dona Delfina, os seus filhos nasceram na região que abrange o município de Teresina de Goiás. Com relação ao seu tempo de estudo, Dona Delfina revela:

"Na minha época não tinha escola aqui, meu povo não tinha condição de mi coloca pra fora pra mim estuda, o estudo era o cabo da inxada. Já trabaiei muito na roça e junto com meu marido ele era vaquero em fazenda". D. DELFINA

Sobre como aprendeu seu ofício de parteira, Dona Delfina afirma que "Por motivo de sua mãe Paula ser parteira, aprendeu com ela, a necessidade a levou a ter esse conhecimento e começou a exercer a profissão voluntária com vinte e dois anos, e continuou por muito tempo, agora está aposentada, mais por idade, mais se precisar, ainda pego menino, diz ela".

Com relação à transmissão de seu conhecimento ela afirma não ter passado para ninguém e se justifica dizendo que "Não ensinei porque as pessoas novas não quer saber de aprender".

Dona Delfina continua:

Todas as vezes que me chamava eu ia nunca neguei favor a ninguém, fico emprazerada (diz ela) porque deu tudo certo, o despacho ocorreu bem (quer dizer que o parto correu tudo bem). Eu já fiz 64 partos junto com minha mãe, para todos uso banho de sabonete virgem, com a folha da laranja e depois do parto usa os banhos de aperto (quer dizer banho vaginal), casca do caju, casca do jatobá, barbatimão e entre, outros. Quando a mulher ganha menino a placenta não sai, a gente pega o gergelim, leva no pilão, soca, tira o leite e leva pro fogo pra morna e da pra mulher beber, pra sai o resto do parto. DONA DELFINA

A solidariedade humana é a todo o momento relatada pela entrevistada, como no trecho que se segue:

“Acho importante para mim né e para quem tá grávida é uma forma de ajudar quem precisa, porque é um jeito que tenho de ajuda quem precisa. Nunca perdi nenhum menino no parto, sim mas não posso te dizer neste momento, mas vou te contar um acontecido comigo. Foi dona Cinézia, minha comadre que fez meu ultimo parto, nessa parição eu fiquei três dias ameaçada com dor, quando comadre chegou e tomou a frente e fez os benzimentos foi logo o menino pontou a cabeça pra nascer. Depois que o menino nasceu ela falou que eu não ia ter mais menino porque apinha (ovário ou aparelho reprodutor) já tinha secado, hoje meu filho caçulo tem 28 anos, ele chama ela de mãe Cinézia porque ela que pegou ele no parto quando eu tava parindo. Todos os meninos que nos pegamos chama nós de mãe porque nós é a mãe de pegação. Antes do parto rezamos pra dar tudo certo, depois para agradecer, como a Oração de Nossa Senhora do Bom Parto”.

LAURÊNCIA FERNANDES DE CASTRO



Figura 04: Arquivo pessoal (parteira D. Laurência Fernandes de Castro)

Relatos de Laurência Fernandes de Castro 79 anos durante a entrevista, revelam dados pessoais e uma riqueza de detalhes que muito vale destacar:

“Nasci na comunidade Ribeirão dos Bois Município de Teresina Goiás, na era de 10/08/1935, nasci na roça, fui casada e agora sou viúva. Tenho sete fios (filhos) seis nasceu aqui só um que nasceu no município de Monta-Negue (Monte Alegre). Naquela época não tinha professor aqui, só na época dos meus meninos, sou analfabeta, trabaio (trabalho) na roça, sou parteira (parteira). Durante minha vida trabaiei (trabalhei) na roça no cabo da enxada”.

As parteiras tem uma linguagem especial, específica dos quilombolas, parte delas foram preservadas nos relatos para melhor enfatizar a riqueza cultural e linguística da comunidade quilombola kalunga. O jeito de falar revela uma forma de comunicação com especificidades únicas que por outro lado preserva a cultura quilombola ao longo da história.

Dona Laurência revela como se deu todo o processo de inserção dela na vida de parteira voluntária, no trecho abaixo ela fala do assunto com muita precisão de detalhes:

“O que me levou ser partera foi por causa de minha mãe Joana, quando minha mãe ia pastejar (fazer parto), eu ia junto e ela foi mi ensinando fazer parto. Comecei com vinte e dois anos e fiz o primeiro parto de um minino lindo. Já insinei minha fia Dora e nunca deixei de ir atender ninguém seja a hora qui for de madrugada, de baxo di chuva com quibano na cabeça (quibano é um artesanato que usa pra peneirar o arroz). Sinto feliz porque o parto foi bom e já peguei (76) setenta e seis mininos aqui nessa região”.

Dona Laurência revela o ritual para realizar um parto feliz:

“Antes do parto eu faço o soro caseiro para esquentar e induzir a dor, depois, do parto outro soro para tirar a dor do coipo (corpo), manjericão, esponja, alho, algodão. Acho importante fazer parto, o primeiro que fiz foi muito emocionante e feliz, tô salvando uma vida. Nunca perdi nen um minino no parto Graças a Deus. Os parto qui fiz fui filiz e fiço com simpatia e benzimento, eu jafiço dois parto usando simpatia e benzimento, dipois eu tirei as criança igual um dotô(doutor), hoje essas crianças tão casados e filiz”. DONA LAURÊNCIA

MARIA PEREIRA



Figura 05: Arquivo pessoal (parteira D. Maria Pereira)

“Nasci no Vão de Alma, e me criei aqui no Ribeirão 20/04/1941, só mãe de dez filhos eles nasceram aqui na comunidade, não tive oportunidade de estudar porque meus pais num deixava, com medo de perde a virgindade. Escola só tinha em Cavalcante eu tinha tanta vontade de estudar, ser uma doutora, mas não tive condições e

oportunidades. Sou aposentada, trabalhei na roça, fiava e tecia cobertores de algodão, fazia o parto das mulheres da comunidade. Foi a necessidade num dia em que uma mulher estava comigo sozinha, senti a dor, fui obrigada fazer o parto dela, a partir daí comecei a ser enfermeira e nunca deixei de atender ninguém por falta de vontade seja a hora que for de dia e ou de noite. Sinto alegria sempre que realizo mais um parto. Fiz (66) sessenta e seis partos”.

Dona Maria nos revela ainda com simplicidade e suas palavras como procedia o trabalho de parto:

“nois já tinha o remédio né pra isquenta a dor da muié dava um ovo esquentado com a pimenta do Reino batia a gema do ovo, e dava pra bebe pra fica forti”, depois do parto tinha o vinho do algodão carrapicho e lagamina”. – D. MARIA PEREIRA)

Dona Maria Pereira vai desfiando um novelo de linha, ao mesmo tempo parece desfiar a vida, com uma riqueza de detalhes que faz os olhos lacrimejar, pela sensibilidade e humildade que revela a vida de parteira:

“Tudo que faço, vem primeiro nossa senhora do parto, porque eu não aguento vê ninguém sofrendo por falta de ajuda, sinto feliz porque tô ajudando essas mães. Entonce agente pega um caju com barú pra fazê banho de aperto depois de três dia e pra sara aos poucos. Os partos que já fiz e ajudei graças a Deus fui feliz nunca perdi nenhuma criança. Durante o parto não faço nada só a Fé em Deus”. DONA MARIA PEREIRA

Dona Maria fala que no hospital os doutores não ajudam as mulheres do jeito que as parteiras ajudam na comunidade. Ela ainda diz que o que se passa durante o parto não pode revelar, porque as parteiras são iguais aos doutores e enfermeiras, tem de guardar segredo, não pode revelar a vida da paciente.

Observa-se que além de uma profissão não remunerada, é um trabalho voluntário, sem reconhecimento do poder público, porém as parteiras partilham de uma ética, ou seja, de valores de preservação da intimidade de suas pacientes e também de valores e crenças das mesmas na realização dos partos.

CINÉSIA DOS SANTOS ROSA

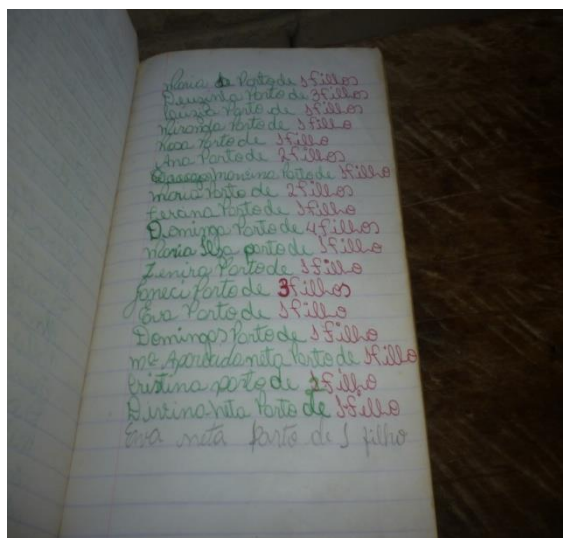


Figura 06: Arquivo pessoal (Dona Cinésia) **Figura 07:** Arquivo pessoal caderno de anotação

A cada entrevista, simplicidade, relatos ricos em diversidade e descobertas do modo de vida de atuação das parteiras. Dona Cinésia dos Santos Rosa, 92 anos é outra parteira que com orgulho descreve sua missão ou bela profissão de salvar vidas, como nos revela:

“Nasci no Vão de Alma na era de 23 de julho 1.922, fui casada no padre mas agora sou separada. Sou mãe de oito fios (filhos), cinco morreu e ficou três homens o mais véio nasceu no Vão de Alma e os outros nasceu aqui no Ribeirão. Não tive a oportunidade de estuda, tinha vontade de ir a escola, mais era muito difícil, então a escola era a roça. A profissão era parteira, o trabáio (trabalho) era na roça e ou fiava, tecia, cuidava de meninos meus e de outras pessoas. Foi através da minha avó que resolvi a ser parteira, pois toda a vez que ia fazer um parto eu ia junto para ela mi ensinar ai eu sabia que ia ter uma sabedoria”. DONA CINÉSIA

É importante ressaltar que as parteiras, aprenderam ofício (profissão) de parteira na maioria das vezes por falta de opções de estudos e outras profissões, ou por convivência com os mais velhos, as avós, que realizavam os partos e eram assistidas pelas netas ou filhas. A profissão de parteira para muitas começam cedo, muitas vezes por necessidade, situações que não há como fugir ou fingir que não esta acontecendo nada. De tudo que se observa nos relatos, há algo preocupante, que a continuidade desta linda profissão voluntária e de extrema necessidade em uma comunidade de difícil

acesso, onde não há médicos, nem postos de saúde equipados para partos de caráter médico. É o que revela Dona Cinésia:

“Foi cum 20 anos que fiz o primeiro parto. Num ensinei ninguém porque a pessoa que eu queria ensinar não quis, porque ficou com medo. Nunca neguei de atender fora de hora nenhum chamado, pode cai chuva nas costas. Sinto orgulhosa quando faço um parto com sucesso e depois rezo pra Nossa Senhora do parto. Já fiz 114 partos, antes faço chá de cebola com pimenta do Reino com Noz - moscada pra induzir e aumentar a dor, depois do parto, folha de algodão com lagramina e nove dentes de alhos, soca junto, coloca um pingo de alcanfor e toma pra aliviar a cólica. Nunca perdi nenhuma criança no parto, toda a criança que peguei nasceu sadia. As vezes faço simpatia, tenho ela escrita, é só colocar ela encima da barriga pra dar força a mulher e desvirar o menino. Faço também o benzimento no momento que precisa, porque não pode fazer se não precisar”. DONA CINÉSIA

Dona Cinésia deseja uma formação dentro das comunidades tradicionais para repassar esses saberes e para que essas práticas de sabedorias não se percam.

6.2 - Tratamento para mulheres e crianças usados pelas parteiras

Elas também fazem benzimentos em crianças com quebranto, dor de barriga, Dona Laurência faz o uso de plantas medicinais caseiras em crianças quando estão gripados e com bronquite asmática benze a água e também da para beber. Os benzimentos são rituais realizados com uso de orações, amuletos como dentes de alhos, dentes de animais, ramos de ervas e plantas medicinais como a pimenta, erva doce, guiné, entre outras. Cada amuleto ou ramo de plantas medicinais tem sua significância e recomendação, como exemplos: o benzimento com erva doce ajuda a preservar o encanto do casal durante a gravidez, o benzimento com ramo de pimenta quebra olho gordo, quebranto e outros, o benzimento com dente de alho protege a grávida e o bebê de encosto ou maus espíritos. As famílias e as parteiras valorizam as plantas medicinais existentes na comunidade para uso doméstico e para os benzimentos. As plantas, o uso de chás, banhos, emplastos e outros são muito usados em todos os partos realizados, como nos revela DONA CINÉASIA E DONA MARIA PEREIRA:

“Depois do parto, folha de algodão com lagramina e nove dentes de alhos, soca junto, coloca um pingo de alcanfor, entre outros e toma pra aliviar a cólica”. DONA CINÉSIA

“Tudo que faço, vem primeiro nossa senhora do parto, porque eu não aguento vê ninguém sofrendo por falta de ajuda, sinto feliz porque tô ajudando essas mães. Entonce agente pega um caju com barú pra

fazer banho de aperto depois de três dia e pra sara aos poucos. Os partos que já fiz e ajudei graças a Deus fui feliz nunca perdi nenhuma criança. Durante o parto não faço nada só a Fé em Deus”. DONA MARIA PEREIRA

Os benzimentos e as simpatias também são usados com muita fé, rituais simples que segundo as parteiras salvam vidas:

“As vezes faço simpatia, tenho ela escrita, é só colocar ela encima da barriga pra dar força a mulher, e desvirar o menino. Faço também o benzimento no momento que precisa, porque não pode fazer se não precisar”. DONA CINÉSIA

“Os parto qui fiz fui filiz e fiço com simpatia e benzimento, eu já fiço dois parto usando simpatia e benzimento, dipois eu tirei as criança igual um dotô (doutor), hoje essas crianças tão casados e filiz”. DONA LAURÊNCIA

Em todos os depoimentos, relatos que revelam saberes, valores éticos de convivência social, profissional e familiar, além de valores culturais e crenças, que na sociedade atual pouco ainda se observa. São valores que segundo elas, as parteiras de Ribeirão dos Bois – Kalunga- Teresina de Goiás, devem serem preservados e repassados, registrados em livros.

6.3- Crenças e rezas para a preparação do parto

Particularmente, o trabalho das parteiras deve ser preservado junto com suas crenças e rituais, como as rezas, orações, benzimentos, simpatias e outros. Existem preconceitos com a cultura afro, isso porque na maioria das vezes, para os africanos, a relação homem e natureza é muito forte, movida por crenças que muitas vezes não condizem com as formalidades de outras culturas. É importante ressaltar o estado negou ao longo da história de escravidão o direito ao respeito, a valorização cultural e a remuneração ao trabalho tradicional de parto realizados pelas parteiras quilombolas. Este trabalho revela uma série de valores que precisam ser preservados, mesmo que seja por meio da escrita e da ilustração. As parteiras não revelam alguns detalhes de suas rezas, orações, benzimentos e simpatias, mesmo porque são valores e crenças para elas muito sagradas, não se pode passar pra qualquer e expor de qualquer jeito. A Dona Delfina foi a única parteira que relatou uma reza, que é a seguinte:

“Virgem Santíssima, virgem antes do parto virgem no parto, virgem depois do parto, que foi a obra do Espirito Santo que gerou em vosso ventre imaculado o esplendor do mundo adorado vosso precioso filho infinita foi a vossa alegria que

conduziam vossos braços esse penhor eterno de adoração. Esse trono que tanto voz glorificou como rainha dos anjos e por quem o deste ter a mais triste e comparável magoa sobre tudo quando viu crucificar o vosso adorado filho essa hora nunca mais, daí- me o bom sucesso, todo canto implora o vosso santo nome amém”.

OFERECIMENTO:

Todas as mulheres que trouxerem essa oração no seu pescoço e rezando todos os dias; Sete Aves Maria e uma Salve Rainha terá a Virgem Santíssima adiante do seu leito. Sete dias em antes do “pari” (ter filho), A Virgem Santíssima do Bom Parto acompanhará sempre, amém, (DELFINA DOS SANTOS).

6.4 - Ocupação atual das parteiras

As parteiras entrevistadas não ocupam profissões comuns, são aposentadas e ainda praticam partos quando necessário. Ainda cultivam pequenas lavouras, mas revelam estarem cansadas da lida na roça e preferem viver da aposentadoria por idade. Segundo elas, para não perder o hábito, plantam um pouco de cada coisa, para manter o corpo vivo e funcionando, e o que o bom mesmo é encontrar as comadres, conversar e lembrar das coisas do passado.

Essas parteiras com seus saberes e ensinamentos são educadoras populares da comunidade, é necessário que nos profissionais na área de educação, devemos construir relações sociais e possibilitando a essas pessoas que de fato possa repassar seus conhecimentos ao todo da comunidade, conhecimento esse que vem percorrendo ao longo da historia da humanidade, esses valores e um bem importante em sua cultura local. Por isso, devemos cultivar a nossa cultura, para não cair no esquecimento se não daqui alguns anos não terão mais história para contar e a nossa sabedoria não pode apenas ficar nos livros que somos pesquisados em nossa comunidade, pois todos os Kalunga têm sua vivencia e sua história, a cada pessoa de idade que morre é uma sabedoria que se perde junto.

Conforme DA SILVA, 2010, quem sabe, se não houvesse tão generalizado preconceito contra os trabalhos tradicionais, talvez se pudesse cogitar de aproveitar que há em nosso país tantas parteiras e fazer com que as estudantes que desejam tornar se obstetras estagiem por um período com elas, para aproveitar a riqueza de seu conhecimento empírico - uma vez que o conhecimento científico não é o único legítimo e legitimado, e nem sempre o que é ensinado tem embasamento científico. Ressalta se que já há iniciativas para o reconhecimento da sabedoria tradicional das parteiras como

patrimônio cultural de nosso País, porém estas iniciativas ainda não atendem as demandas existentes.

Porém, o trabalho das mulheres que realizam partos de uma forma coletiva era de ser reconhecida pelo Estado, pois antes mesmo de existir médico as parteiras já trazia ao mundo os bebês. Porém os saberes dos Kalunga merecem uma credibilidade eles têm uma biblioteca em suas memórias, e venha a fortalecer e contribuir com o povo. Esse conhecimento empírico deve unir com o conhecimento científico e reconhecer que só saberes populares também é uma forma científica. O Estado deveria garantir políticas públicas que venha fortalecer esses saberes como parte fundamental da história da humanidade deveria estabelecer uma formação dentro das comunidades tradicionais para repassar esse saber e para essas práticas de sabedoria que não se perca.

SILVA 2013 destaca que “a valorização da cultura e conhecimento local se dá pelo reconhecimento da sua história. Cada lugar tem suas próprias características, baseado no modo de vida de sua comunidade, e isso que torna seus costumes uns diferentes dos outros. A cultura de um povo está relacionada em todo seu contexto e história de vida, como seus costumes, religião, saberes e fazeres e crenças. Tudo isso revela sua identidade que é formada ao longo do tempo. Valorizar preservar sua cultura e permitir as gerações atuais e futuras de conhecer e utilizar os bens de sua identidade”.

A formação acadêmica atualmente realidade para alguns filhos quilombolas atreladas a pesquisas como esta, é um dos caminhos viáveis para que esses valores sejam preservados. Os filhos quilombolas que alcançam a formação acadêmica são a esperança para as pessoas que vivem nos kalungas, de modo geral eles representam o sonho de seus pais e familiares de poder fazer algo que signifique uma transformação positiva nas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria muito afirmar que este trabalho tenha alcançado e atingido os impactos necessários desejados como objetivos de encaminhamentos da pesquisa e respectivamente por estas parteiras, porém espera-se que este, tenha contribuído para que os anseios das mesmas sejam reconhecidos por vários outros educadores, acadêmicos e pessoas em geral, comprometidas com o bem estar das comunidades kalungas, em especial com a preservação da cultura, dos saberes e fazeres das parteiras, que sem receber nada pela bela profissão que exercem, exigem apenas reconhecimento e preservação de toda a riqueza cultural, social e de bem estar que a profissão de parteira proporciona as mães quilombolas.

Preservar a memória das parteiras, por meio de documentos, imagens, vídeos, textos e outros, é preservar a memória quilombola como parte da história do Brasil, importantíssima como ferramenta de preservação da cultura, do jeito social e econômico de ser e sustentar-se. A cultura quilombola não deve ser vista apenas do ponto de vista científico de pesquisa, mas do ponto de vista cultural, respeitando especificidades comuns dos quilombolas, valores e crenças preservadas ao longo de centenas de anos que podem ser extintos pela cultura científica. Ao observar os relatos preservados na linguagem comum das parteiras, percebe-se a riqueza de uma língua específica, mas que tem sofrido transformações acerca de cultura formal que prega que os kalungas não sabem falar.

As parteiras são a memória viva do que se poder ainda ver, ouvir e vivenciar como algo verdadeiro, simples e real, ao tratar da cultura original quilombola.

Ao terminar análise de dados obtidos, baseada na leitura de textos dos livros de autores que foram dialogados e que serviram para o embasamento teórico da pesquisa, quando se trata do trabalho das parteiras envolvem-se os sujeitos do campo e é preciso se ter uma cautela com suas especificidades únicas e algumas sensíveis no que diz respeito ao processo de divulgação, por tratar de saberes que envolvem crenças e muito respeito as divindades. As pessoas devem lutar para alcançar os objetivos enquanto cidadão do campo, exigir do poder público a implantação de políticas públicas de educação, saúde e sustentabilidade capazes de dialogar com os valores e saberes das comunidades rurais, em especial das comunidades quilombolas.

No que se refere o trabalho das parteiras deveria ser incluso com a cidade, pois, o saber das parteiras com seus conhecimentos e inserir com a realidade iria

contribuir o crescimento dos seres humanos, com seus jeitos simples e suas formas de uso das plantas medicinais e seus benzimentos.

As parteiras são de grande importância para a comunidade Ribeirão dos Bois, assim espera-se que este trabalho sirva como material didático de pesquisa na escola, da comunidade, para que os docentes e alunos conheçam e valorizem os saberes e fazeres das parteiras, que estão sendo esquecido. Porque depois de alguns anos as crianças mais novas não saberão dizer o que é uma parteira e sua importância para a comunidade quilombola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Organização espacial e ocupação territorial no kalunga: a moradia como efetivada.** Brasília – DF: UnB, 2004.

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo (pesq.): CIPRIANO, André (fot.). **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência.** São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) **KALUNGA: historias e adivinhações.** Goiânia GC: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes/** Ademar Bogo. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 30,31.

CARDOSO, Ítala Lopes. **O saber/ fazer das parteiras populares do entorno do Distrito Federal.** 2012. 56f. Monografia (Bacharelado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRESWELL. John, W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto.** 2. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DOURADO, Martha Fellows. **Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais.** Planaltina DF: UnB, 2012. (Monografia)

GRUPO CURUMIM, **Trabalhando Com Parteiras Tradicionais/** Grupo Curumim Gestação e Parto (ONG). Área Técnica da Saúde da Mulher, 2º ed. atual.e revisada. – Brasília: Ministério da Saúde, 2000. p.p. 09, 23.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Série C. Projetos, Programas e Relatórios. **PARTO E NASCIMENTO DOMICILIAR ASSISTIDO POR PARTEIRAS TRADICIONAIS: O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e Experiências Exemplares.** Brasília: Editora M-S, 2010.

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga.** Brasília DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2007.

MOURA, A. A. V. **O perfil dos alunos da LEdoC.** Comunicação apresentada no XVII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). João Pessoa, PB, julho 2014.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (MargoniaPubescens)/ Regina Coelly Fernandes Saraiva...[et al.]**.- Brasília: DF: Decanato de Extensão/UnB, 2012.

SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Livia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado: a experiência de Dona Flor.** Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão:2011.

SILVA, Aneli Soares da. **Uso das Plantas Medicinais do Cerrado na Comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois,** Teresina – GO. Planaltina DF 2013.

DA SILVA, Angela Gehrke, **A parteira do Monte Azul,** Salvador – Bahia, JM Gráfica e Editora Ltda, 2010, 1ªEdição.

ANEXOS

Anexo 1

Roteiros de entrevistas a ser realizado com as parteiras na comunidade Ribeirão dos Bois.

ROTEIRO 1	
Nome completo	
Local e data de nascimento	
Estado civil	
Quantos filhos e onde nasceram	
Formação (oportunidade de estudos)	
Profissão atual e histórico profissional	

ROTEIRO 2	
O que a levou a ter uma profissão de parteira?	
Com quantos anos a senhora iniciou a profissão de parteira?	
A senhora já ensinou alguém a ser parteira?	
Alguma vez a senhora se negou a atender fora de hora?	
A senhora já ensinou alguém a ser parteira?	
O que sente quando o parto é realizado?	
A senhora sabe quantos partos já fez?	
Utiliza algum remédio caseiro antes e depois do parto? Qual ou quais?	
Qual importância de fazer parto para você.	
Com quantos anos a senhora fez seu primeiro parto?	

ANEXO 2

Mapasda Comunidade Quilombola Kalunga

SÍTIO HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO. - MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -

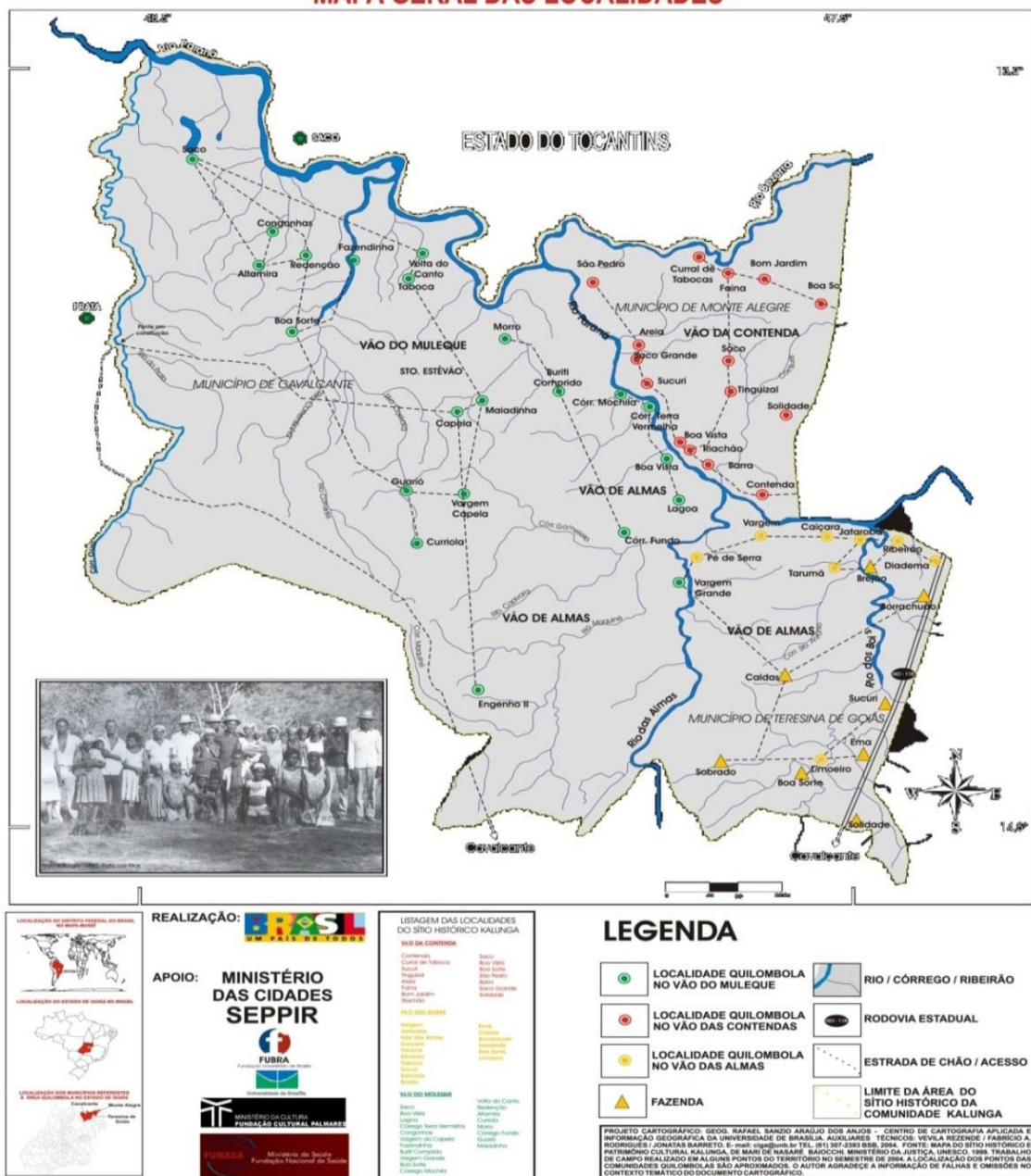


Figura 02 - Fonte: Araújo, Rafael, Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplica e Informações Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga Brasília: Ministério da Justiça, UNESCO 1999.

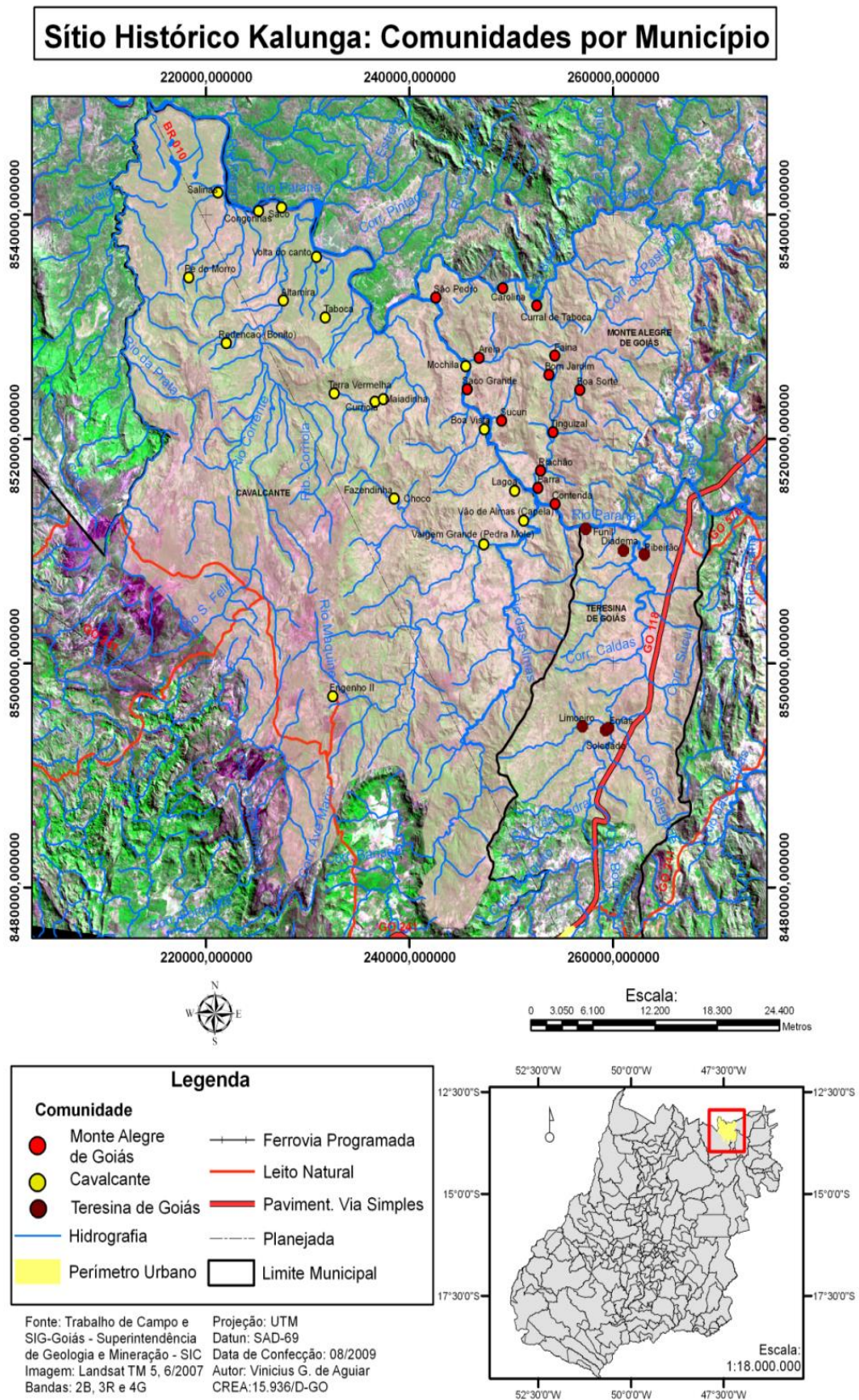


Figura 3 – Comunidades por município, a fonte e autoria encontra-se no próprio arquivo.